



# O mercado desigual das engenharias

A empregabilidade nas engenharias evolui a vários ritmos, mas só as **tecnologias** rondam o pleno emprego



CÁTIA MATEUS

As estimativas mais recentes da Comissão Europeia apontam para um défice de 900 mil postos de trabalho no sector das Tecnologias de Informação (TI) até 2020, caso não sejam adotadas medidas concretas que permitam combater a escassez de profissionais no sector. Em Portugal, o bastonário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos fala em 15 mil profissionais necessários em quatro anos. Na semana que antecede a realização da feira virtual de emprego na área das TI e Engenharia, inserida no âmbito da iniciativa Portugal a Recrutar — a IT& Engineering Job Fair —, o Expresso consultou alguns especialistas do sector para uma radiografia ao mercado de trabalho na área. O rosto institucional dos engenheiros portugueses reconhece o potencial de contratação que a área da TI encerra, mas receia que o seu dinamismo de contratações mascare a realidade de emprego noutras áreas da engenharia onde a procura de profissionais é mais reduzida. Para Carlos Matias Ramos, “o desenvolvimento de um país é do exato tamanho da sua engenharia” e em Portugal, só a tecnológica está próxima do pleno emprego.

KCSIT, Gfi, Farfetch, Outsystms, agap2 e Primavera, são alguns dos empregadores que a partir de 10 de abril estarão a recrutar profissionais *online*,

através da plataforma Portugal a Recrutar. Em comum têm o foco nas tecnologia de informação. Juntas deverão criar este ano perto de 700 novos empregos em solo nacional, alguns já em fase de recrutamento. Quase todas reconhecem as crescentes dificuldades de contratação do sector, geradas quer pelo número reduzido de profissionais formados anualmente, quer pela concorrência de empresas estrangeiras que recrutam em Portugal. Especialistas em recrutamento e docentes confirmam a tendência.

Segundo os dados Carlos Sezões, *partner* da consultora Stanton Chase, “as áreas da engenharia informática estarão perto do pleno emprego, havendo já posições com estes requisitos de formação por preencher em algumas empresas”. Carla Rebelo, diretora-geral da Adecco Portugal, confirma-o ao assumir que a empresa que lidera se depara com “uma diferença considerável entre o número de ofertas disponíveis e os candidatos existentes para colocar nessas ofertas”. Um problema que para Carlos Sezões não é novo, nem exclusivamente português. O especialista cita também os mesmos dados da Comissão Europeia para clarificar a dimensão do défice de profissionais que afeta o sector.

Os resultados do último concurso nacional de acesso ao ensino superior demonstram que as especialidades mais procuradas foram as engenharias aeroespaciais e aeronáuticas, as engenharias ligadas à saúde (como a bioengenharia), a engenharia informática e a de computadores e a engenharia mecânica. O Instituto Superior Técnico (IST) preencheu todas



“

**Uma economia que não valoriza a Engenharia e o conhecimento científico é necessariamente uma economia pobre”**

**CARLOS MATIAS RAMOS**  
Bastonário da Ordem dos Engenheiros



“

**Temos sentido, cada vez mais, o elevado desequilíbrio entre a oferta e a procura de profissionais de TI, num mercado extremamente competitivo”**

**ISABEL RIBEIRO**  
Diretora de RH da Gfi



“

**O mercado nacional está a demorar a perceber a enorme procura mundial pelos diplomados em Engenharia e que a oferta salarial não se está a ajustar ao ritmo certo”**

**LUÍS CALDAS DE OLIVEIRA**  
Vice-presidente do Instituto Superior Técnico



“

**Empresas de outros países da orla europeia, e não só, já procuram Portugal para identificar engenheiros e integrá-los nas suas equipas”**

**TIAGO FARINHA**  
Diretor-geral da KCSIT

as vagas em todos os seus cursos, como adianta o vice-presidente da instituição com tutela da área de Empreendedorismo e Ligações Empresariais, Luís Caldas de Oliveira. O responsável confirma a tendência dos últimos acessos ao ensino superior: “Há cursos mais pequenos que se destacam na procura pelos candidatos, como o de engenharia aeroespacial, física tecnológica e biomédica, mas há uma procura elevada por quase todos os cursos.”

## O foco das empresas

Do lado dos empregadores, as opções de contratação estão sobretudo centradas nas engenharias informática, mecânica, eletrotécnica e industrial, diz Carlos Sezões. Na área tecnológica, especifica Carla Rebelo: “As empresas procuram essencialmente profissionais de programação, tanto em tecnologias *open source*, como em vertentes de *mobile*. Os gestores de projeto também começam a ser muito procurados devido às necessidades de controlo de custos, pessoas e prazos”. Na KCSIT, por exemplo, Tiago Farinha, o diretor-geral da empresa, quer contratar gestores de projeto, analistas de negócio e sistemas, programadores em diversas áreas, arquitetos de soluções e administradores de sistemas de bases de dados. Na Farfetch, o líder de Recursos Humanos (RH), José Bago, está focado em programadores, especialistas em testes de *software*, perfis na área da administração de sistemas, *business intelligence* e *product owners*. Isabel Ribeiro, a diretora de RH da Gfi, estará centrada em candidatos com competências de desenvolvi-

mento aplicacional, infraestruturas, redes, *mobile*, *business intelligence*, *quality assurance* (controlo de qualidade) e análise funcional. Em uníssono reconhecem as dificuldades de contratação geradas pela escassez de profissionais no mercado.

Para o vice-presidente do IST a dificuldade de contratação é uma realidade, ainda que esclareça que o contacto permanente que tem com os recrutadores lhe permite concluir que “é muito mais importante o talento do que uma formação específica”. Ou seja, a sólida base analítica de um bom ensino da engenharia fará a diferença num processo de contratação, independentemente da área de especialidade do candidato. Até porque, “a flexibilidade é a principal competência de um engenheiro nos dias de hoje. Com o ritmo atual de mudança, nenhum engenheiro consegue prever as áreas em que irá trabalhar ao longo da vida profissional”, explica.

Luís Caldas de Oliveira foca outro aspeto cirúrgico para as dificuldades de contratação das empresas nacionais: “O mercado nacional está a demorar a perceber a enorme procura mundial pelos diplomados em engenharia e que a oferta salarial, apesar de crescente, não se está a ajustar ao ritmo certo.” Um contexto que para o bastonário da Ordem dos Engenheiros “é comprometedor para o tão desejado crescimento económico do país” ao empurrar para a emigração centenas de profissionais. “Uma economia que não valoriza a engenharia e o conhecimento científico é, necessariamente, uma economia pobre”.

cmateus.externo@impresa.pt